

# OSWALD DE ANDRADE E SUA CRÍTICA LITERÁRIA

CLÁUDIA MENTZ MARTINS<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Abstract:** The purpose of the present work is to formulate part of the aesthetic and ideological thought of Oswald de Andrade from the literary position presented according to other authors as intellectual as him. With this intention, we organized the author's opinions related to the Brazilian literature and published in the column he wrote to many magazines during the years of 1943 until 1954. For the comprehension of his thought it will also be considered the interviews that he gave throughout his life that can be found in the newspapers from that time.  
**Key-words:** Oswald de Andrade, Brazilian literature, Periodics. Aesthetics, Ideology.

**Resumo:** O presente trabalho busca formular parte do pensamento estético e ideológico de Oswald de Andrade a partir do posicionamento literário apresentado frente a seus pares. Com esse intuito, sistematizamos as opiniões do autor voltadas à literatura brasileira e publicadas nas colunas que escreveu para diversos periódicos durante os anos de 1943 a 1954. Para a compreensão do seu pensamento também serão consideradas as entrevistas concedidas ao longo da vida e que se encontram nos jornais da época.

**Palavras-CHave:** Oswald de Andrade, Literatura Brasileira, Periódicos, Estética, Ideologia.

Não tenho nenhuma ilusão de glória ou de fortuna.  
Literatura não dá nada disso no Brasil. Mas a consciência  
do dever cumprido satisfaz amplamente.

*Oswald de Andrade*

<sup>1</sup> Professor Colaborador Convidado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, onde realiza seu Pós-Doutoramento, financiado pela CAPES/PRODOC.

## INTRODUÇÃO

As Histórias da Literatura Brasileira, ao tratarem do Modernismo, arrolam entre os nomes de destaque o de Oswald de Andrade, citando-o como um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna, ao lado de Mario de Andrade, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, entre outros. Também o mencionam como autor do par *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, do livro de poemas *Pau-Brasil*, da peça teatral *O rei da vela*, do *Manifesto da Poesia Pau Brasil* e do *Manifesto Antropófago*. Geralmente, as referências sobre ele restringem-se a esses dados, e a menção a outras obras e a sua vida intelectual ocorre com poucos acréscimos, como o realizado por Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, onde percebemos sua intenção de lembrar o leitor da constante identificação de Oswald com a de um homem voltado à brincadeira — o que o faz ser associado a um tipo bonachão — e da sua acirrada posição político-ideológica sobretudo ao longo da década de 30, quando esteve fortemente vinculado ao Partido Comunista:

É a partir de Oswald que se deve analisar criticamente o legado do Modernismo paulista, pois foi ele quem assimilou com conaturalidade os traços conflitantes de uma inteligência burguesa em crise nos anos que precederam e seguiram de perto os abalos de 1929/30. Havia nele todos os fatores sociais e psicológicos que concorreram para a construção da literatura cosmopolita, daquele ‘homo ludens’ que se diverte com íntima contradição ética ‘alienado-revoltado’ diante de uma sociedade em mudança.<sup>2</sup>

Tais comentários não fogem muito daqueles encontrados na *História da Literatura Brasileira*, escrita por Luciana Stegagno-Picchio. A seção intitulada “Oswald de Andrade e o terrorismo cultural” chama atenção para o fato de a crítica se deter mais na figura do escritor do que na análise de suas obras que se apresentam como inovadoras para a época:

O primeiro [personagem], mais lógica que cronologicamente, é Oswald de Andrade (1890-1954), cuja figura é ainda mais discutida que sua obra. Entre os que nele reconhecem apenas o mistificador de gênio, o artífice de escândalos pelo gosto de escandalizar, e, no plano da expressão poética, o escritor e o intelectual irrealizado, os que, como as vanguardas concretistas, o apresentaram como chave de virada de todo o Modernismo, talvez seja possível, não uma via média (no sentido de que, ou se aceita Oswald totalmente, ou se rejeita), mas de uma conciliação.

<sup>2</sup> BOSI, 1994, p. 403.

É possível que Oswald tenha exercido conscientemente a mistificação na sua obra desmistificatória, radical e destrutiva; mas não há dúvida de que essa obra represente o núcleo criativo do Modernismo brasileiro, ou ao menos do Modernismo da primeira fase, autoral e literário, individualista e vanguardista.<sup>3</sup>

Observamos que esse escritor “personagem contraditório, mas simpático”<sup>4</sup> apesar de ser considerado um dos mais significativos da literatura brasileira da primeira metade do século XX, pouco tem sua produção estudada. Não raro quem se detém sobre seu texto o faz de forma comparativa à produção marioandradina, pois via-de-regra um é visto como complementar ao outro, sendo Mario a representação do teórico e Oswald da síntese das idéias modernistas dos anos 20. Tal posicionamento leva ao quase esquecimento dos textos de cunho não-ficcionais de Oswald e dentre esses os escritos para os periódicos. Apesar de ele ter realizado, ao longo da vida, contribuições em diversos jornais como o *Diário Popular*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio*, *Diário de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*<sup>5</sup>, suas colunas ainda não ganharam a devida atenção dos estudos universitários. Recordamos que sua colaboração na imprensa foi constante, abrangendo o período de 1909 a 1954, mas também intermitente e sofreu um intervalo mais extenso pela censura que lhe foi imposta pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).<sup>6</sup> Além desse material, há diversos ensaios publicados, conferências proferidas, entrevistas concedidas que reunidos dão conta do pensamento desse intelectual que tecia comentários sobre os mais diversos assuntos como política e economia nacional e internacional, crítica literária e das artes como um todo, bem como alguns textos de cunho confessional e digressivo.

Por acreditarmos que ainda há muito a ser (re)visto e pensado sobre a produção oswaldiana, desde o segundo semestre de 2005, desenvolvemos a pesquisa “O modernismo utópico de Oswald de Andrade”<sup>7</sup>, que tem por meta propor a formulação do pensamento estético e ideológico de Oswald de Andrade, a partir da sua concepção antropofágica e de sua postura literária, política, social, econômica e cultural, de forma que se consiga esclarecer os elementos utópicos encontrados

<sup>3</sup> STEGAGNO-PICCHIO, 1997, p. 483

<sup>4</sup> Idem, p. 484.

<sup>5</sup> Oswald também atuou como colaborador em alguns periódicos de curta duração como *O pirralho*, um semanário que ele mesmo fundou com o auxílio financeiro da mãe e que durou de 1912 a 1917.

<sup>6</sup> Com a publicação, em 23 de julho de 1944, do artigo “A metástase do câncer”, na coluna “Telefonema” do *Correio da Manhã*, os jornais foram proibidos de veicular qualquer texto seu até 03 de abril de 1945. O *Diário de São Paulo*, dirigido por Assis Chateaubriand, foi o único jornal a não cumprir a determinação do DIP e reproduziu a conferência “Fazedores da América”, proferida por Oswald em 31 de outubro de 1944, e fez a transcrição de uma carta deste a Luis Martins, em 12 de dezembro do mesmo ano.

<sup>7</sup> Ver nota 1.

no modernismo que ele busca estabelecer através de seus textos literários e não-literários. A fim de delimitarmos o assunto, optamos inicialmente em nos deter apenas no material que produziu pós-1928, por acreditarmos que a partir dessa data começa a estabelecer reflexões particulares sobre os temas apontados e que o distanciam do grupo de artistas com o qual convivia até então. Todavia, ao longo da pesquisa, tornou-se impossível não recorrer a seus primeiros textos por neles já se encontrar o gérmen das idéias sobre as quais se debruçaria e por, através deles, percebermos a evolução e/ou alteração de alguns comentários que realizava.

Para compreendermos as questões literárias propostas por Oswald, é importante sintetizar seus comentários e opiniões a respeito da literatura – autores e obras –, sendo esse o mote do presente texto.

## OSWALD DE ANDRADE E SUA CRÍTICA LITERÁRIA

Mesmo não tendo sido um jornalista de carreira, Oswald foi colaborador de diversos periódicos. Ao longo das colunas publicadas não deixou de expressar seu posicionamento sobre autores e obras, fossem anteriores ou contemporâneos a ele. É possível verificar suas manifestações incisivas sobre os diversos assuntos que lhe interessavam, sendo aquelas do âmbito da literatura os de nosso enfoque. Seus comentários nem sempre eram bem recebidos pelos pares e pela crítica acadêmica por não coincidirem com outros também expressos no período e, devido a sua fama de ser um contestador, suas críticas positivas ou negativas eram vistas apenas como uma provocação. Não raro, tal atitude encontrava respaldo na imagem oswaldiana divulgada, isto é, de ser um homem de humor fácil e corrosivo.

Pelo imediatismo próprio do texto jornalístico, muitos são os autores referidos nas diversas colunas, e por vezes não é possível perceber de imediato a razão que o leva a elogiar ou desprezar esses indivíduos e/ou as obras que publicam, sendo necessário costurar informações que tece ao longo de vários artigos. Dos autores que cita, destacaremos aqueles que aparecem mencionados mais vezes em seus textos. Para melhor conduzir o trabalho o pautamos em três momentos: no primeiro serão abordados os comentários de Oswald a respeito da prosa, depois da poesia e, por fim da dramaturgia. A escolha por essa ordem se justifica pela quantidade de comentários que fez sobre cada uma das categorias indicadas, ou seja, daquela mais comentada a menos mencionada.

### A PROSA

Poucos são os autores do século XIX comentados por Oswald em suas colunas, recebendo sua atenção José de Alencar e Machado de Assis. Sobre Alencar, limita-se a afirmar que sua literatura não era voltada ao pobre, ainda que fosse

popular. Apesar de a massa de leitores ler seus textos, sua produção era de elite.<sup>8</sup> Já sobre Machado de Assis, Oswald não poupa parágrafos por ser esse, em sua opinião, um dos grandes nomes da literatura brasileira, e o autor de um de seus livros preferidos: *Dom Casmurro*. Interessante comentar que as menções a Machado são realizadas simultaneamente a Euclides da Cunha, que também vê como um expoente literário. Ao tratar de obras que deveriam ser publicadas no exterior, Oswald desenvolve a tese de que a tradução de *Os sertões* para a língua inglesa mostra a grandeza de nossa literatura, afinal um livro desse porte não pode ser entendido como um fenômeno isolado. Para comprovar isso coloca, ao lado de Euclides da Cunha, o nome de Machado de Assis, sem referenciar qualquer título por ele escrito, dando-nos a entender que o nome por si só basta para que venham à lembrança dos leitores suas obras mais significativas. Ambos inclusive são apontados como complementares um do outro: Machado tem sua narrativa voltada à cidade, e Euclides, ao campo, tornando-as fundamentais na formação nacional, conforme expressa em uma das entrevistas que concedeu a Mário da Silva Brito, em fevereiro de 1950:

Um acreditou [na formação] e o outro não — observa o entrevistado — e isso produziu um fundamento dialético formidável, até hoje vigente, que é o substrato de toda a nossa ideação. Daí nasceu o que há de melhor e mais verdadeiro em nossa literatura.<sup>9</sup>

Nas referências que realiza sobre a produção dos pré-modernistas, Monteiro Lobato é apontado como autor de maior destaque e responsável por uma prosa que serviu de inspiração aos textos nordestinos publicados posteriormente: “A prosa renovada e toda problemática que iria florir mais tarde no ciclo de *A Bagaceira* com os romancistas sociais do Nordeste.”<sup>10</sup> Para Oswald, mesmo não tendo aderido a causa do grupo de 22, Lobato é um modernista. Integrante do mesmo período, Coelho Neto é tratado com desprezo, pois a “parlapaticice léxica do sr. Coelho Neto” aparece como sendo o grande problema de sua prosa.

Ao mencionar os autores que participaram da Semana de 22, vários são os indivíduos lembrados ao longo das colunas e entrevistas. Alguns são mais referidos do que outros como Graça Aranha e Mario de Andrade, ainda que por razões distintas. Sobre o autor de *Canaã*, Oswald de Andrade não poupa as palavras, sua crítica é ácida e o deboche, constante. Em junho de 1925, Oswald faz um de seus comentários mais mordazes sobre ele: “o intelectualismo do sr. Graça Aranha como é postiço. Esse literato é um simples pedante que pretende elevar a sua confusão

<sup>8</sup> ANDRADE, 1990, p.223.

<sup>9</sup> Idem, p.161.

<sup>10</sup> Idem, p.132.

de idéias importadas à altura de um fenômeno brasileiro.”<sup>11</sup> Vinte anos após a Semana de Arte Moderna, em novembro de 1942, ele declara que “o papel de Graça Aranha foi o de almirante Darlan, agora, na África. Aderiu e procurou chefiar. Mas permaneceu sempre personalidade de Vichy.”<sup>12</sup> Tais comentários sobre Graça Aranha, demonstram que, passado algum tempo do evento ocorrido em 1922, a (aparente) união entre os participantes não existe mais. Certeza que se reforça por ser do conhecimento geral que um dos desafetos oswaldianos é Menotti del Picchia que, com seu *Juca Mulato*, deveria ser inserido num museu.<sup>13</sup>

Sobre Mario de Andrade, Oswald pouco oscila em seus comentários ao longo dos anos. Geralmente, ele dá relevo à narrativa *Macunaíma*, mas também destaca os textos curtos, indicando Mario como o maior contista brasileiro.<sup>14</sup> Os elogios que tece ao autor de *Os filhos da Candinha* não são abalados quando a amizade entre eles é rompida, pois Oswald reconhece no ex-amigo a habilidade literária e não hesita em indicá-lo como um dos intelectuais mais significativos da primeira metade do século XX.

Caso diferente ocorre com as afirmações relativas a Cassiano Ricardo, sobretudo, no que concerne a sua prosa. Num dos textos apresentados na coluna “Telefonema”<sup>15</sup> intitulado “Bilhete aberto” de 29 de fevereiro de 1944, Oswald diz que a obra de Cassiano Ricardo — nomeado na coluna como C.R. — não possui um nativismo sincero, sendo apenas uma “macumba para turista”<sup>16</sup>, pois os símbolos em sua obra não chegam, em sua maioria, a fazer parte do folclore nacional. Para Oswald, a prosa do autor de *Martim Cererê*, que considera o título mais significativo da obra desse escritor, não é melhor que a poesia publicada.

Jorge Amado, por sua vez, é um autor sobre o qual Oswald altera completamente sua opinião ao longo dos anos, conforme aquele deixa de se dedicar exclusivamente à literatura. Inicialmente, há o elogio a sua produção e depois, desprezo. Numa entrevista concedida em 1943, Oswald informa a seu interlocutor de que o baiano tem grande prestígio em Portugal<sup>17</sup>, demonstrando admiração

<sup>11</sup> Idem, p.22.

<sup>12</sup> Idem, p.72.

<sup>13</sup> Idem, p.185. Não podemos esquecer que foi Menotti del Picchia um dos participantes da Semana de Arte Moderna. Coube-lhe divulgar, no *Correio Paulistano, Jornal do Comércio, Estado de São Paulo*, o evento e as idéias que circulavam entre aqueles que nomeou de vanguardistas de São Paulo.

<sup>14</sup> Idem, p.185.

<sup>15</sup> Doravante nomearemos de Telefonema os textos publicados na coluna homônima, integrante do *Correio da Manhã*, durante os períodos 01 de fevereiro de 1944 a 23 de junho de 1944 e de 03 de abril de 1945 a 23 de outubro de 1954. O texto “Bilhete aberto” também consta em *Ponta de lança*, um volume organizado por Oswald de Andrade, e para o qual selecionou aqueles que considerava seus melhores artigos publicados em jornais e revistas até 1945.

<sup>16</sup> ANDRADE, 1996, p.60. Este mesmo texto encontra-se no livro *Estética e política*.

<sup>17</sup> ANDRADE, 1990, p.59.

pela obra de Amado enquanto nela há um forte teor ideológico. Diz o paulista:

Considero Jorge Amado há muito tempo um mestre inconfundível na literatura brasileira, o sucessor legítimo de Castro Alves. O romance que apresentou [para concorrer ao II Concurso Literário Latino-Americano], *Terras do Sem Fim*, é, ao que me dizem, a melhor coisa que ele já fez. É um romance melhor que o próprio *Jubiabá*, que é uma verdadeira obra-prima da nossa novelística.<sup>18</sup>

No Telefonema “O romântico Agripino” de 06 de maio de 1944, afirma que o “romantismo socialista tem o seu máximo representante no mestre do romance que é Jorge Amado.”<sup>19</sup> Em suas colunas, Oswald salienta a pequena obra-prima que é *Suor*, chama a atenção para *Jubiabá*, e informa que as obras *Terras do Sem Fim* e *São Jorge de Ilhéus*, que obtiveram recorde de vendas e tiragens sucessivas, consagram definitivamente seu autor na literatura brasileira. Observamos que esses textos são aqueles integrantes da chamada primeira fase da produção de Amado que se caracterizam pelo conteúdo político e pela denúncia das injustiças sociais.

Todavia, quando o baiano passa a concorrer a cargos políticos, Oswald coloca-o na categoria de “Búfalos do Nordeste” e não mais aprecia seus textos:

Jorge Amado é um grande lírico, mas está em vias de perecer por inação, falta de vitamina cultural. Aliás, foi minha maior esperança, na literatura. Possui duas obras excelentes: *Jubiabá* e *Terras do Sem Fim*. Mas está se perdendo num sectarismo improdutivo.<sup>20</sup>

Como possuidor de um destaque para além das fronteiras brasileiras, Graciliano Ramos é referido e considerado um dos mais importantes escritores do romance nordestino ao lado de Jorge Amado, Rachel de Queirós e José Lins do Rego. Em 1953, Oswald declara ser *São Bernardo*, ao lado de *Jubiabá* e *Marafa*, esse de Marques Rebello, um dos melhores romances da literatura brasileira contemporânea.

Apesar de admitir que José Lins do Rego tem seus fãs por ser “considerado o Catulo do romance brasileiro”<sup>21</sup>, Oswald continuamente afirma que não gosta da prosa desse. As críticas mais ferozes ocorrem até 1953 quando há a publicação de *Os cangaceiros*. Com a vinda a lume dessa obra, comenta ter se reconciliado com o autor de *O menino do engenho*. Mas, em entrevistas posteriores a esse livro, critica o nordestino, consciente de que — malgrado seu — José Lins do Rego permanecerá no cânone nacional.

<sup>18</sup> Idem, p.76.

<sup>19</sup> ANDRADE, 1996, p.94.

<sup>20</sup> ANDRADE, 1990, p.168.

<sup>21</sup> Idem, p.59.

Em “Brasil agreste”, publicado no *Correio da manhã*, o autor de *O rei da vela* recupera alguns nomes do romance de 30, dentre eles Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego para acrescentar o de Ivan Pedro de Martins que aponta como “o novo senhor do romance nacional”.<sup>22</sup> Esse parecer baseia-se na obra *Fronteira agreste*, “um grande, honesto e belo livro!”<sup>23</sup>, o primeiro de uma trilogia em que o autor recupera as lembranças da época em que viveu no Rio Grande do Sul. A importância dessa obra está em inserir um personagem até então relegado ao esquecimento — o povo: “É o povo que brota de *Suor* e de *Jubiabá* e que vem agora depor sobre a vida do sul, na *Fronteira agreste* do romancista Pedro Ivan de Martins.”<sup>24</sup> Considerando-se o fato de a obra de Martins estar ao lado da de Jorge Amado destaca-se ainda mais a admiração do paulista por ela. Ou seja, colocar *Fronteira agreste* no mesmo patamar de *Suor* e *Jubiabá* é dar-lhe, sob sua perspectiva, o mesmo atestado de importância dentro da literatura nacional. Para Oswald, o Rio Grande do Sul oferece ao Brasil obras significativas que têm o direito de permanecer na literatura, e cita como exemplo *Os ratos*, do quaraiense Dionelo (sic) Machado, e *Almas penadas*, do baiano-bageense Pedro Wayne.

Erico Verissimo é constantemente mencionado por Oswald, que manifesta seu apoio a ele quando ocorre o confronto de Erico com o Padre Leonardo Fritzen, por ocasião do lançamento de *O resto é silêncio*. Oswald recrimina a atitude do jesuíta em apontar, como se fosse um defeito, no texto de Verissimo, a representação da hipocrisia moral, social e religiosa da sociedade da época. A importância de sua obra se faz presente quando Oswald cita Verissimo ao lado de Jorge Amado, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, como possuidor de narrativas que merecem ser traduzidas a outros idiomas por serem representativas da literatura brasileira, ao contrário de outros textos, por exemplo, como os escritos pela Sra. Leandro Dupré.

O reconhecimento da importância dos autores sul-rio-grandenses tem continuidade no artigo “Carta a um professor de literatura”, publicado no *Diário de São Paulo* em 1943. Oswald redige um texto semelhante a uma correspondência endereçada a Erico Verissimo prestes a exercer a função de professor visitante na Universidade da Califórnia. A ‘missiva’ a Verissimo se dá num dos momentos em que o autor de *Pau Brasil* permanece atento às obras eleitas para a tradução pelos editores norte-americanos. Em sua opinião, há a escolha de certos (pseudo) escritores<sup>25</sup> que não dão conta da representação do Brasil, em detrimento de outros de real valor literário. Para Oswald, Erico Veríssimo, por ser um escritor talentoso, possui autoridade para apontar quais intelectuais brasileiros merecem atenção no exterior:

<sup>22</sup> ANDRADE, 1996, p.66.

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> ANDRADE1, 2004, p.167.

<sup>25</sup> Como se percebe, a preocupação de Oswald com o assunto é grande. Já em 22/7 do mesmo ano discutira demoradamente o tema n’*O Estado de São Paulo*.

Erico, a sua missão vai ser de alto sentido. Você leva a responsabilidade do seu nome e com ela vai ensinar literatura brasileira na América. Ninguém tem mais positiva autoridade que você, autor avançado de bons romances, iniciador entre nós de uma constante técnica que faltava ao nosso ficcionista.<sup>26</sup>

Não mais do que uma citação a esse gaúcho, o autor de *Serafim Ponte Grande* faz em “Carta aos editores norte-americanos”, publicada no *Estado de São Paulo*, em 22 de julho de 1943. Uma aparente lembrança surgida ao acaso revela a discussão sobre o valor literário das publicações da época. A ‘carta’ destina-se aos editores norte-americanos que estão no País com a finalidade de conhecer a literatura brasileira e, sobretudo, de fechar contratos que garantam a tradução para a língua inglesa de obras nacionais. O problema, na opinião de Oswald, é que a seleção dessas obras se dá por indivíduos que pouco conhecem a literatura aqui produzida e que indicam autores de pouca expressão, ficando esquecidos grandes escritores. É durante a menção aos nomes que considera importantes que surge o de Veríssimo: “E revelai aos americanos a messe social saída da convulsão de 30. Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Erico Veríssimo etc.”.<sup>27</sup> Em seus textos, notamos a fúria de Oswald que não se contém frente à mediocridade reinante e declara haver apenas uma solução para o escritor Tito Batini, que tem seus textos traduzidos para a língua inglesa: não escrever mais porque o

autor que é a simpatia humana em pessoa, mas de literatura entende como eu de colombofilia, continuou a escrever, sempre açulando, pelos préstimos difusos do editor milionário cuja responsabilidade será decerto um dia apurada, quando se desfizer a pernicioso inflação da nossa literatura.<sup>28</sup>

Não existe por parte de Oswald uma perseguição gratuita e pessoal a Batini, mas está latente seu desejo de que as mais representativas obras brasileiras sejam transpostas para além das fronteiras do País. Para ele, nenhuma finalidade tem a tradução de narrativas como *Agora que fazer?* ou *Entre o chão e as estrelas*, ao passo que a de outras como *Dom Casmurro*, *Os sertões* e *Macunaíma*, por exemplo, são muito mais significativas por falarem efetivamente da cultura nacional e conterem em si a alma brasileira. Para Oswald de Andrade apenas narrativas como essas são capazes de oferecer ao leitor de outra nacionalidade a visão e as particularidades do que é ser brasileiro, e permitem que se forme uma idéia do que é habitar o Brasil.

A imagem de Felipe de Oliveira<sup>29</sup> surge num dos artigos publicados na coluna “Feira das sextas” do *Estado de São Paulo* em 1943. A referência a esse

<sup>26</sup> ANDRADE, 2004, p.104.

<sup>27</sup> Idem, p.90.

<sup>28</sup> Idem, p.103.

<sup>29</sup> Será mantida a grafia utilizada por Oswald de Andrade, em seus escritos, em detrimento daquela comumente utilizada: Felipe d’Oliveira.

escritor não é realizada com o intuito de tecer comentários sobre sua produção, os quais se dão muito superficialmente, mas ocorre com o propósito de trazer à tona o seu posicionamento político e ideológico e, assim, reavivar a figura desse gaúcho na lembrança dos leitores:

A imagem de Felipe de Oliveira volta-me à memória. Digo bem, imagem. Felipe foi bem isso — esportivo, inteligente e sadio. Uma soma humana da virilidade da técnica. Uma adolescência prolongada pela fortuna. A imagem de uma era que antes de se extinguir oferece os seus grandes produtos. Fazendo versos polidos e musculosos como ele. Amável, sedutor, viajado. E ativamente medito na revolução que transformava o Brasil. A última vez que o vi bem antes do desastre que o mataria de chofre, numa rodovia dos arredores de Paris, foi no cais do Rio, onde ele ia esperar o atual presidente Getúlio Vargas, que era então subversivo. Eu estava no campo oposto, era amigo pessoal de Washington Luís e Júlio Prestes e quando me transformei foi para ir muito além donde Felipe permaneceu.<sup>30</sup>

A partir das reflexões acima, recupera o encontro que teve com João Daudt que, por sua vez, lhe trouxe à memória a imagem de Álvaro Moreyra, sempre preocupado com os rumos das artes cênicas nacionais:

Não conhecia João Daudt senão através de sua atividade de comércio e através do parêntesis amável que Eugênia Álvaro Moreyra [esposa de Álvaro Moreyra] faz para falar bem dele. Justamente o orador que perorava ante o entusiasmo contido, mas evidente da assistência, lembrou-me Álvaro Moreyra. Gaúcho como ele. A mesma voz, a mesma vocação talvez para o teatro, João Daudt pareceu-me de longe um Álvaro visto em espelho côncavo. E depois, quando nos encontramos, vi nos seus olhos luzir a mesma ironia amável do autor do Circo.<sup>31</sup>

Os comentários de Oswald sobre Álvaro Moreyra não findam nessa comparação, e têm seqüência ao mencionar questões que fornecem uma idéia – ainda que rápida – desse intelectual. A menção a Oliveira faz com que Oswald se lembre de Álvaro Moreyra e, mesmo de forma sucinta, o colunista detém-se a falar mais da contribuição de Moreyra à cultura nacional do que aquela de Felipe de Oliveira:

Álvaro Moreyra não pode ser citado como autor de um livro. Álvaro é difuso, seu pensamento, sua bondade filosófica e sua sátira reticente penetram a nossa época. Álvaro é sobretudo o autor de certos slogans definitivos. É o autor daquela frase: “Cada um tem uma idéia”.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> ANDRADE, 2004, p. 91.

<sup>31</sup> Idem, p.92.

<sup>32</sup> Ibidem.

Recebedor de elogios é José Geraldo Vieira em, no mínimo, dois Telefonemas de março de 1944. Apontado como um escritor capaz de “eivar o romance brasileiro e não o deixar reduzir-se a um cometimento vegetativo, rude e primário”<sup>33</sup>, tem sua obra *Quadragésima porta* citada como uma daquelas que eleva nossa literatura e se apresenta como uma novidade, uma vez que o romance social nordestino já está longe de ser a última descoberta.

Se alguns intelectuais são sempre elogiados ou inicialmente merecem o apreço de Oswald para depois receberem suas críticas, há outros que são desafetos permanentes como Tristão de Athayde e Augusto Frederico Schmidt. Sobre o primeiro, as palavras desabonadoras, a ironia e sarcasmo são constantes e o colunista afirma não ter receio de expressar seu desprezo por Athayde a quem quer que seja: “João Condé estava diante de mim numa mesa de bar. E eu repeti: Pode dizer que o sr. Tristão de Athayde é a figura mais nefasta da nossa literatura.”<sup>34</sup> Ou seja, não se importa em chocar as pessoas ao seu redor com suas opiniões incisivas. Os motivos que o levam a não gostar de Athayde, explicita numa entrevista em 15 de agosto de 1948, publicada no *Diário de S. Paulo*. Para o autor de *Cântico dos cânticos para valsa e violão*, Tristão de Athayde se caracteriza por ser um oportunista, alterando seu posicionamento político de acordo com a ocasião:

Estou hoje convencido de que o mal maior do sr. Alceu de Amoroso Lima é o oportunismo. As suas guinadas à esquerda e à direita refletem em geral um momento vitorioso. Ora, o sr. Tristão do Athayde se arroga a título de orientador da opinião e particularmente da opinião moça do país. Nada há que mais invalida esse título que o oportunismo. [...] Durante o conflito mundial, não digo que o sr. Tristão do Athayde vestisse a camisa parda, mas quase — um touca ele pôs. E contra todo interesse nacional, publicamente desejou e pregou a vitória de Hitler. Com a derrota do nazismo, veio a outra guinada, e essa sensacional. O sr. Tristão do Athayde, sempre publicamente, aderiu ao proletariado, aliás, num grande discurso pronunciado aqui no nosso Teatro Municipal.”<sup>35</sup>

Numa entrevista concedida em outubro de 1947, Oswald aponta escritores que se contrapõem ao fazer literário de Augusto Frederico Schmidt. Recordemos que, no final da década de 20, Schmidt participava da revista *Festa*, que expressava a sobrevivência do espiritualismo simbolista. Portanto, os novos escritores, que se afastavam de tal tendência e pareciam abrir novos caminhos, eram elogiados:

<sup>33</sup> ANDRADE, 1996, p.63.

<sup>34</sup> Idem, p.280.

<sup>35</sup> ANDRADE, 1990, p.137.

O que há não é Pós-modernismo e sim a nova literatura do Brasil. Veja, na prosa, a maturidade da Semana está aí, em Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Julieta Drummond de Andrade, em Antonio Fraga, em Ledo Ivo, em você [o entrevistador] Paulo Mendes Campos.<sup>36</sup>

Cabe-nos lembrar que esses elogios a Lispector e Rosa são feitos quando ambos têm apenas uma parcela de sua produção publicada. Eram os textos editados de Lispector, nesse momento, *Perto do coração selvagem* (1943/1944) e *O lustre* (1946); de Guimarães Rosa apenas *Sagarana* (1946). As obras que os consagrariam em definitivo, a ela, *Laços de família* (1960), *Paixão segundo G.H* (1964), *A hora da estrela* (1977); a ele, *Grande sertão: veredas* (1956), *Primeiras estórias* (1962) somente surgiram após o falecimento de Oswald de Andrade.

Para finalizar as observações sobre a prosa, ao indicar os romancistas que não aprecia, não hesita em apontar Otávio de Faria e Lúcio Cardoso, esse último durante várias entrevistas, mas sem justificar o porquê de seu desprezo. Já como uma promessa que se anuncia menciona Gustavo Corção, Rubem Braga e outros.

## A POESIA

Quando Oswald de Andrade se dedica a falar da poesia nacional, prevalecem as citações aos poetas com produção na primeira metade do século XX e, portanto, em sua maioria, seus conhecidos. Todavia, encontramos referências àqueles que estão na base da literatura brasileira e que são os responsáveis pelas características positivas e negativas que as nossas letras apresentam:

O Brasil começou bem. Está no pórtico de nossa capacidade de protestar, a “boca de inferno” de Gregório de Mattos. Estão também as ingênuas alegrias de Bento Teixeira Pinto. Mas veio em seguida o encartolamento que é nossa desdita e o sinal de um gritante complexo de inferioridade. Santa Rita Durão fez logo a epopéia do preconceito da família. Caramuru, blindado de estamena, teria levado sua noiva virgem, numa tempestuosa caravela, para se casar no padre e na lei diante dos reis da França. Nada de mancebias. Quem foi que disse que há mancebias no Brasil? [...]

Quem abriu novos caminhos? O Uruguai de Basílio da Gama chibatando o jesuíta que voltaria na figura torva do sr. Getúlio Vargas para azucrinar o bandeirante?<sup>37</sup>

<sup>36</sup> Idem, p.132.

<sup>37</sup> Idem, p.129.

Os poetas do Romantismo também ganham algumas linhas em suas colunas. Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves são colocados no mesmo patamar de importância de Walt Whitman que pertence ao cânone universal. Do trio mencionado, Castro Alves consta em vários textos publicados, mas poucos são aqueles em que sua produção é o foco central.

No Telefonema “Sobre Castro Alves” de 30 de março de 1944, Oswald acusa São Paulo de não dar ao poeta baiano a atenção merecida, visto que as comemorações do nascimento do autor de *Os escravos* terem passado quase despercebidas. Oswald volta à temática quando um ‘Leitor assíduo’, em 02 de abril de 1944, acusa-o de ser distraído por não ter acompanhado as reportagens sobre as homenagens que o poeta em pauta recebeu em conhecido periódico e na Casa de Castro Alves. Observamos que o poeta é considerado significativo dado o fato de receber homenagens, mas em momento algum sua poesia é discutida ou comentada. As menções ao autor de *O navio negreiro* são constantes também quando Oswald fala da prosa de Jorge Amado.<sup>38</sup> Novamente, não há uma discussão sobre os versos de Alves, mas partindo-se do princípio de que neles o conteúdo social e o teor político estão marcados, a aproximação com a temática trabalhada por Jorge Amado, nos seus primeiros volumes, dá-se de forma natural e, por extensão, elogiosa.

Quando o autor de *Pau Brasil* trata dos poetas que merecem ter suas obras traduzidas para a língua inglesa, não esquece daqueles que mais combateu ao longo de sua carreira: os parnasianos e simbolistas, ainda que haja certo riso e gozação em suas linhas. Para ele, tais indivíduos encontrarão um grande público no exterior e “mais de cem mil datilógrafas de Nova York hão de gostar de ‘ouvir estrelas’”.<sup>39</sup> É feita também uma lista de nomes passíveis de terem seus textos publicados no exterior, incluindo ficcionistas, historiadores e sociólogos. Vários são os poetas e todos pertencentes ao século XX:

Traduzi os nossos poetas revelados por esse movimento [Semana de Arte Moderna]. São eles que dão a medida exata de nossa civilização. Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros! [...] e há finalmente Sergio Millet, que mantém a medida européia dentro da tradição revolucionária.<sup>40</sup>

Dentre os intelectuais que participaram dos eventos da Semana de Arte Moderna, e que escrevem versos, Cassiano Ricardo e Mario de Andrade ganham atenção do colunista em diferentes textos. Todavia, se o juízo de valor sobre a obra do primeiro é bastante negativo, abrandando-se com o tempo, as notas sobre os poemas de Mario são de constante exaltação.

<sup>38</sup> Ver nota 18.

<sup>39</sup> ANDRADE, 2004, p.90.

<sup>40</sup> Ibidem.

Se a prosa de Cassiano Ricardo é desdenhada por Oswald, sua poesia não tem melhor cotação, pois dela “restará apenas um estilo duro, robusto e pedregoso a serviço de um oportunismo mole e adulão”.<sup>41</sup> Porém, passada uma década, em 1954, afirma que esse mesmo poeta domina a poesia contemporânea ao lado de Carlos Drummond de Andrade.<sup>42</sup> Sobre Mario, no mesmo ano, ao falar de *Paulicéia desvairada*, mostra que o poeta fixou ali o regional e que essa é “a obra mais importante deste meio século”.<sup>43</sup>

Ao longo de suas colunas, Oswald descortina poetas que, segundo ele, não podem ser esquecidos, citando Raul Bopp, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade, a quem pouco cita, mas que indica gostar por comentários positivos como “por enquanto minha admiração se fixa em homens de altitude intelectual e moral de um Carlos Drummond de Andrade”.<sup>44</sup> No texto “Caminho percorrido”<sup>45</sup>, Oswald fala que, finda a Semana, o grupo de 22 sofreu uma ruptura que se originou do confronto entre a ala de dissidência de tendência à esquerda e anticatólica liderada por ele, com aquela dirigida por Mario de Andrade e Alcântara Machado. Menciona que os intelectuais que o acompanharam, como Raul Bopp, caíram no ostracismo. Paradoxalmente, porém, em seu ponto de vista, quem menos sofreu com essa situação foi justamente Bopp que era diplomata e estava no exterior:

Comigo ficaram Raul Bopp, Osvaldo Costa, Jaime Adour da Câmara, Geraldo Ferraz e Clóvis Gusmão. Abandonamos os salões e nos tornamos os vira-latas do modernismo. Veio 30. [...] Os vira-latas comeram cadeia, passaram fome, pularam muros, com exceção do poeta de Cobra Norato que estava no exílio de um consulado.<sup>46</sup>

Conforme visualizamos, a menção a Bopp não faz mais do que uma referência a *Cobra Norato*, sua obra mais conhecida, o que é uma exceção, pois Oswald não poupa belas palavras a esse poema-narrativo. Raul Bopp é um dos nomes que Oswald se reporta com frequência ao falar dos momentos iniciais do Modernismo. A simpatia oswaldiana pelo poema é notória antes mesmo de ele vir a público: “Raul Bopp publicará talvez o mais belo poema do Brasil – *Cobra Norato*”.<sup>47</sup>

<sup>41</sup> ANDRADE, 1996, p.60.

<sup>42</sup> Cf. ANDRADE, 1990, p.215.

<sup>43</sup> Idem, p.138.

<sup>44</sup> ANDRADE, 1996, p. 280.

<sup>45</sup> Em sua origem este texto foi uma conferência proferida em Belo Horizonte, em maio de 1944. Posteriormente, foi publicado no *Diário de São Paulo*, nos dias 23 e 30 de junho do mesmo ano, e foi selecionado por Oswald para compor *Ponta de lança*.

<sup>46</sup> ANDRADE, 2004, p.167.

<sup>47</sup> ANDRADE, 1990, p.55.

Não raro seu nome aparece ao lado de Mário de Andrade ao serem indicados os autores dos livros que melhor apreenderam a Antropofagia por ele, Oswald, pensada e idealizada: “a Antropofagia já deu dois presentes régios à literatura brasileira — *Macunaíma* e *Cobra Norato*.”<sup>48</sup>

As ponderações sobre Manuel Bandeira e a significação de seus livros para a literatura nacional não são muitas, nem extensas. Por exemplo, na época da comemoração dos 60 anos do poeta, Oswald relembra sua importância para a Semana de Arte Moderna: mesmo não comparecendo fez-se presente através da voz de Ronald de Carvalho. Menciona as diversas atividades – jornalista, crítico, professor – do recifense para destacar o episódio em que esse recebeu o fardão da Academia Brasileira de Letras. Utilizando-se de um trocadilho, destaca que Manuel é bandeira de sua geração por não aceitar o fascismo, que ele, Oswald, fazia questão de combater em vários textos que publicava nos mais diferentes periódicos. Já em entrevista de 1951, diz que o mesmo poeta teve um início de carreira muito bom, mas que depois nada de interessante produziu: “Bandeira é um chato. Fez seis poemas muito bons, depois montou em cima deles e vem cavalgando todo esse tempo.”<sup>49</sup>

Vinicius de Moraes, quando citado, surge como um poeta autêntico. A excelência de seus poemas faz com que Oswald o aproxime<sup>50</sup> a Machado de Assis e Carlitos por conta do *humour* que, segundo a acepção oswaldiana, contém toda a catástrofe humana, presente na produção dos três autores. Observamos que esses comentários se dão quando Vinicius está escrevendo e publicando seus primeiros livros *O caminho para a distância* (1933), *Forma e exegese* (1935), *Ariana, a mulher* (1936), *Novos poemas* (1938), *Cinco elegias* (1943), reconhecidamente de envergadura metafísica e que, portanto, afastam-se do viés literário comumente apreciado pelo colunista, isto é, a temática de cunho social e político.

Com opinião diversa daquela expressa acima, Augusto Frederico Schmidt é sempre criticado pelo autor de *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*, tal como se dava nos comentários referentes à sua prosa. Continuamente seu nome aparece como representativo daqueles poetas que deixam a literatura brasileira estagnada por estar ligado à corrente que ficou sob a influência dos poetas franceses católicos. De forma similar, Sergio Milliet é outro poeta que não conta com muita simpatia de Oswald. Apenas o seu livro *Oh valsa latejante...* merece seu apreço e é vista como superior à prosa que publicou até o período. A razão

<sup>48</sup> Idem, p.130.

<sup>49</sup> Idem, p.200.

<sup>50</sup> Oswald de Andrade realiza a aproximação entre Machado de Assis, Carlitos (Charles Chaplin) e Vinicius de Moraes no artigo “No átrio da revolução”, publicado originalmente na revista *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, 17, Rio de Janeiro, abril de 1944, p. 30. Esse texto também foi selecionado pelo autor para *Ponta de lança*.

para o elogio está no fato de, segundo o autor de *Cântico do pracinha só*, Milliet ter com seus versos conseguido se evadir da literatura burocrática dos chato-boys.<sup>51</sup> Devemos, porém, lembrar de que numa entrevista, em 1925, declara encontrarmos uma “encantadora brasilidade”<sup>52</sup> nos poemas de Milliet.

Também a poesia de Jorge de Lima recebe críticas de Oswald de Andrade, que não o considera um poeta significativo e com uma produção muito inferior a outros pares do período:

Mas vamos aos fatos — Jorge de Lima não é poeta coisa nenhuma, ou melhor, será um grande bissexto do tipo Nava e Prudentinho. Compare-se a obra poética de Jorge de Lima à de um Carlos Drummond, à de um Murilo Mendes ou à de um Vinicius de Moraes. Não falemos dos paulistas Cassiano Ricardo, Tavares de Miranda e Domingos Carvalho da Silva. Jorge de Lima há de contritamente, cristãmente, confessar que perde para todos.<sup>53</sup>

Para o autor dos versos de “Pronominais”, nem mesmo *Invenção do Orfeu*, jocosamente chamado *Invenção do Morfeu*, conforme ouviu de um brincalhão, ajuda o poeta em suas pretensões literárias. Todavia, apesar dessas ressalvas, Oswald salienta que cabe a Jorge de Lima a atual dignidade cultural do Nordeste, uma vez que se distancia de José Lins do Rego e de seus companheiros do romance social de 30.

Desconhecido de modo geral do grande público, Ascenço Ferreira é o tema do Telefonema “O poeta do Nordeste” de 08 de julho de 1946. Oswald de Andrade reproduz a fala que proferiu, na Biblioteca Nacional, quando apresentou o poeta à assistência que se encontrava no recinto. Para o paulista, Ascenço Ferreira é um poeta que dá voz ao povo: é um “trovador do Nordeste, o repentista do Modernismo, ao mesmo tempo cantador e criador.”<sup>54</sup> Diz ainda que esse poeta não luta contra o cinema ou o rádio, mas que consegue se opor a eles que ‘barateiam’ o sentimento popular. Ou seja, na concepção oswaldiana, esse poeta pernambucano pratica a Antropofagia, isto é, escuta a voz dos ‘bárbaros’ sem excluir as conquistas técnicas da civilização, nem os sonhos e desejos do momento.

Também são lembrados por Oswald, Cecília Meireles e Ferreira Gullar, além de Rossini Camargo Guarnieri considerado, então, um expoente da poesia brasileira. Com a ênfase da crítica negativa, o colunista acusa Cecília Meireles de ser uma péssima poeta, “uma espécie de Morro de Santo Antonio, que atravanca

<sup>51</sup> Cf. ANDRADE, 1996, p. 67.

<sup>52</sup> ANDRADE, 1990, p.26.

<sup>53</sup> ANDRADE, 1996, p.362.

<sup>54</sup> Idem, p.181.

o livre tráfego da poesia”.<sup>55</sup> Para ele um dos problemas de Cecília é ter um “verso arrumadinho, neutro e bem cantado, com fitinhas, ou melhor, com fitinhos e bordados. Sem dizer nada, sem transmitir nada. Mesmo sem sentir nada.”<sup>56</sup> Mas isso não o impede de perceber nela um desejo sincero de fazer literatura. Diz Oswald, em 1952:

Aqui no Rio não formiga, como em São Paulo, a ralé feminina da sublitteratura. Por mais que eu abomine os versos castrados da sra. Cecília Meireles, tenho que reconhecer que ela, ao lado de Adalgisa Nery, sabe defender a dignidade da poesia [...]<sup>57</sup>

Ao considerarmos a data do texto, é possível verificar que, até aquele ano, Cecília havia publicado – entre outros – os livros: *Espectros* (1919), *Nunca mais e Poemas dos poemas* (1923), *Viagem* (1939), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto* (1945). Como as críticas oswaldianas a Cecília sempre foram freqüentes, e isso desde o momento que ela esteve vinculada a revista *Festa* – da qual participava Schmidt – e Oswald nunca expressou quais livros dela leu, não temos como saber se a sua reprovação à poesia cecilianiana tinha por base o início de sua carreira ou se era sua produção no todo que lhe desagradava.

Em entrevista publicada postumamente, percebemos que Oswald estava bastante atento aos poetas da época, pois sentia que um sopro de novidade se fazia notar, ainda que continuasse a apreciar aqueles mais antigos:

A poesia está se renovando. Ainda não é uma realização total. Dos poetas novos para mim Ferreira Gullar é dos bons. A poesia de Murilo Mendes tem muito de alucinação no bom sentido poético. Mas ainda o maior poeta do Brasil é um velho de 22: Cassiano Ricardo. É grande!<sup>58</sup>

No final desse trecho, temos a afirmação de que, passados os anos, considera Cassiano Ricardo o melhor poeta brasileiro do século XX. Recordarmos que o autor de *Poemas murais* recebeu críticas negativas de Oswald nos textos publicados na década de 40, pois ainda eram presentes as oposições<sup>59</sup> entre ambos. Passados, porém, os anos e deixando o ressentimento, o autor de *Os condenados* admite apreciar os versos do ex-companheiro de idéias, pois ainda que goste de vários poetas atuais só em alguns vê um trabalho artístico verdadeiro.

<sup>55</sup> Idem, p.369.

<sup>56</sup> Ibidem.

<sup>57</sup> ANDRADE, 1990, p.197.

<sup>58</sup> Idem, p.251.

<sup>59</sup> Na década de 20, Cassiano Ricardo pertenceu ao grupo literário Verde-Amarelo que se opunha ao Pau Brasil e que, por isso, tinha uma posição política e ideológica diversa de Oswald de Andrade. O grupo Verde-Amarelo, posteriormente Anta, possuía forte tendência nacionalista, combatia o Futurismo na arte brasileira e era contrário à influência francesa que permeava a poesia Pau Brasil, que depois desencadeou a Antropofagia. Inicialmente estava vinculado ao PRP (Partido Republicano Paulista) e pretendia uma síntese racial e uma conjunção dos valores da arte e dos postulados econômico-sociais

## O TEATRO

Não encontramos muitos comentários de Oswald de Andrade sobre o teatro e quando os faz, não raro, o assunto concentra-se na encenação e não no texto em si. Verificamos também uma oscilação entre o apreço e o desprezo à forma como essa arte é executada no Brasil. Em suas colunas, há algumas anotações sobre as apresentações nacionais e internacionais que ocorrem nos teatros do Rio de Janeiro e São Paulo.

Um dos dramaturgos que mais aparece citado em suas colunas é Nelson Rodrigues e, por conseqüência, suas peças são bastante mencionadas. Esse é o caso de *Vestido de noiva*. No Telefonema “Renascimento do teatro” de 22 de fevereiro de 1944, o autor de *O homem e o cavalo* comenta que a peça de Rodrigues encenada no Municipal (RJ) – que ainda não assistiu, mas que sobre a qual teve notícias – dá mostras de novos ares à dramaturgia nacional. Diz ter conhecido e gostado do dramaturgo, porque esse mesmo sendo modernista é preocupado com Shakespeare. Em abril do mesmo ano, fala que a companhia Os Comediantes levarão a São Paulo o “já célebre ‘Vestido de Noiva’”<sup>60</sup> e apresenta-se bastante otimista com o atual teatro: “De repente, revela-se no Brasil, uma capacidade de compreensão dos atores, da crítica e do público que não deixavam suspeitar as pachouchadas que alimentaram durante um século a nossa triste ribalta.”<sup>61</sup>

Contudo, tempos depois, declara ser Nelson Rodrigues um dos indivíduos a prejudicar o teatro brasileiro, tendo sido capaz de enganar a todos graças ao “nosso baixo nível intelectual”<sup>62</sup>:

Gente de responsabilidade se deixou levar pelo fescenino vestido de noiva entreaberto com que apresentou as polpudas coxas de sua imoralidade. Nem sabendo que o sr. Nelson Rodrigues é o folhetinista medíocre que usa o pseudônimo de Suzana Flag, a crítica recolheu as orelhas de asno com que saudou a sua estrepitosa aparição. [...] Não serei eu quem vá querer moralizar o teatro, [...] Sou apenas inimigo da completa parvoíce literária do autor de “Álbum de Família”. Não há uma frase que se salve em todo o cansativo texto de seus dramalhões.<sup>63</sup>

Ao conceder entrevistas, não apenas pondera estar decepcionado com a arte cênica brasileira, como afirma incisivamente não apreciar a produção do “taradão ilustre”<sup>64</sup> Nelson Rodrigues:

<sup>60</sup> ANDRADE, 1996, p.91.

<sup>61</sup> Ibidem.

<sup>62</sup> Idem, p.302.

<sup>63</sup> Ibidem.

<sup>64</sup> Idem, p.360.

R. — Existe teatro brasileiro? Qual o melhor e qual o pior autor teatral brasileiro?

O.A. — Existe o “Brasileiro de Comédia”, que não vale nada. O pior autor é Nelson Rodrigues.<sup>65</sup>

Nessa entrevista publicada em novembro de 1951 no *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, Oswald mostra-se pessimista se comparada a uma outra, feita por José Tavares de Miranda da *Folha da Manhã*, quando afirmou gostar muito do teatro e de que “tem confiança no teatro brasileiro”<sup>66</sup>, arrolando os nomes que considera destaques: Sérgio Cardoso e Cacilda Becker. As razões para a não apreciação das peças rodriguianas não são bem esclarecidas e intrigam porque nessa data os principais títulos já haviam vindo a público: *A mulher sem pecado* (1941), *Vestido de noiva* (1943), *Álbum de família* (1946), *Anjo negro* (1947) e *Senhora dos afogados* (1947); *Dorotéia* (1949); *Valsa nº 6* (1951).

No Telefonema de 9 de fevereiro de 1946, “Do circo ao teatro”, a menção ao teatro surge como um contraponto ao circo que é designado como superior àquele na arte de realizar representações. Sem muito divagar, mas demonstrando certa ironia, Oswald não se furta de comentar que o teatro nacional não tem tradição apesar dos “armários mágicos de Martins Pena e da ‘Lusbela’ e outras pequenas ‘Damas da Camélia’ do século 19 carioca”.<sup>67</sup> Na mesma coluna em 1948, dedica algumas linhas ao fundador do Teatro do Estudante do Brasil e do Teatro Duse, Pascoal Carlos Magno, declarando que está ao seu lado e apóia-lhe as iniciativas, admitindo que, em 1945, ao criticar esse indivíduo, estava equivocado a seu respeito.

Dois são as peças que recebem o aplauso oswaldiano. A primeira é *O poço* — posteriormente intitulada *No fundo do poço* — de Helena Silveira, cujo mote baseia-se num crime ocorrido em São Paulo: um professor assassina a mãe e as irmãs por se oporem ao casamento dele com a amada e depois se suicida. Para Oswald, essa obra destaca-se por se distanciar da tradição naturalista e está ao lado das produções de Goethe, Ibsen e Lorca, devendo apenas ter bons intérpretes para fazer jus a história e marcar a arte cênica nacional: “que venham os intérpretes d’ “O Poço” de Helena Silveira, na altura em que ela concebeu e executou o seu drama e São Paulo levantará, sem dúvida, o teatro no Brasil”.<sup>68</sup> A outra peça é *Lampião*, inspirada na vida do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva e escrita por Rachel de Queiroz, que estreava no gênero. Em seu conceito, essa peça destaca-se no cenário nacional por ser diferente das produções vindas a lume:

<sup>65</sup> ANDRADE, 1990, p.190.

<sup>66</sup> Idem, p.184.

<sup>67</sup> ANDRADE, 1996, p.134.

<sup>68</sup> Idem, p.299.

“Lampião” traz em si uma super-realidade e um drama que o colocam acima da trivial reprodução de personagens e de fatos. É uma obra enxuta e inexorável como uma tragédia grega. Rachel afrontou sem medo o problema histórico de lampião e trouxe efeitos incalculáveis.<sup>69</sup>

Com esses dados observamos que o teatro não é a manifestação artística que mais chama a atenção de Oswald de Andrade. Algumas considerações tece sobre a encenação realizada por companhias estrangeiras e sobre obras européias levadas a público por grupos locais, mas via-de-regra consistem mais em registros do que explanações sobre elas. Mesmo quando parece lançar simples comentários, verificamos que não se exime de emitir juízo de valor sobre os dramaturgos e as peças as quais se refere, e não se intimida com o fato de suas opiniões divergirem de outras amplamente divulgadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos que nos serviram de estudo foram publicados durante os anos de 1943 a 1954, em colunas pertencentes aos periódicos de grande circulação sob a forma de artigos, além de entrevistas concedidas ao longo da vida. Tais jornais, *O Estado de São Paulo*, *Diário de São Paulo*, *Diário Popular*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, eram voltados ao público leigo, não especializado em assuntos literários — que nem sempre eram o foco do artigo, fazendo com que Oswald se limitasse muitas vezes a lançar algumas opiniões sem desenvolver uma argumentação mais consistente. Junta-se a isso as características dos jornais de oferecerem um espaço restrito ao colunista e de ser constante o pedido de textos, o que provavelmente não lhe dava tempo de aprofundar seus comentários. Essas devem ser algumas das razões que fazem com que vez por outra Oswald cite apenas nomes de autores, uns declaradamente preferidos a outros, e nem sempre esclareça os motivos que o levaram a se posicionar de tal modo junto a seus pares naquele momento.

Todavia, ao considerar suas explicações ao longo da produção jornalística, percebemos o uso de dois critérios que nem sempre são empregados de forma explícita e que oscilam de acordo com o humor oswaldiano: o estético e o ideológico. Para o primeiro, entram em pauta as ponderações sobre o fazer literário, a construção artística do texto, as inovações e as rupturas propostas, assim como a manutenção de formas estéticas já existentes. No segundo critério, são discutidas a preocupação social e o posicionamento político do autor e/ou representado na sua produção. Não que nele o teor estético não seja relevante, mas não é vislumbrado como o mais significativo. Verificamos, por exemplo, que os elogios a José

---

<sup>69</sup> Idem, p.393.

Geraldo Vieira e Clarice Lispector pautam-se no elemento estético, isto é, Oswald aprecia as inovações e as rupturas que eles apresentam na prosa; mesma razão que o leva a apontar Vinicius de Moraes como um bom poeta. Sob esse mesmo viés parece estar a justificativa para não apreciar as peças de Nelson Rodrigues. Por outro lado, o desprezo pela produção de Augusto Frederico Schmidt e Tristão de Athayde está centrado na questão ideológica, pois ambos opõem-se a sua posição política. Essa seara igualmente é aquela pela qual a produção de Jorge Amado é avaliada, visto que os comentários do colunista adentram sobretudo por esse caminho.

Cabe-nos ressaltar que os exemplos apresentados aqui são aqueles mais freqüentes e ilustrativos dos intelectuais que Oswald de Andrade inclui e exclui de seu cânone particular. Ao lado desses podem ser arrolados outros nomes que foram apenas citados ou tiveram um brevíssimo julgamento a seu respeito. Lembramos de forma aleatória de José Américo de Almeida, Afonso Arinos, Inglês de Souza, Marcos Rey, Gregório de Mattos, Augusto dos Anjos, Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Augusto e Haroldo de Campos, Gustavo Corção, Cruz e Souza, Ledo Ivo, Mario Quintana, Paulo Prado, Martins Pena. Todos esses indivíduos aparecem referidos por Oswald quando buscava estabelecer parâmetros no momento de valorizar ou depreciar outros artistas nacionais.

Importante é salientar que não pretendemos esgotar com nosso texto as reflexões propostas por Oswald de Andrade que possuía, segundo Carlos Nejar, “um têmpera ferina, agressiva. [...] capaz de ver com clareza a sua época”.<sup>70</sup> Entre os volumes que reúnem sua produção jornalística, temos ainda artigos a serem investigados, bem como ensaios nos quais discute a arte nacional e que devem ser levados em conta em nossa proposta de sistematizar seu pensamento estético e ideológico.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald. *Os dentes do dragão*. São Paulo: Globo, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Telefonema*. São Paulo: Globo, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Ponta de lança*. São Paulo: Globo, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Feira das sextas*. São Paulo: Globo, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, [1994].
- CHALMERS, Vera. *3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Copesul: Telos, 2007.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

<sup>70</sup> NEJAR, 2007, p. 197.